

## A IMPORTÂNCIA DO TROPEIRISMO NA VILA DE SÃO JOÃO DE ITABORAÍ

Professor Carlos Henrique Machado Rodrigues

"Quando no Brasil ainda não havia caminho de ferro nem estrada de rodagem; quando o carro de bois, gemendo nos cocões, era o veículo preferido para o transporte de cargas em terreno pouco acidentado; quando os caminhos nada mais eram do que os espaços naturais entre as árvores ou não passavam das trilhas abertas pelos carregadores humanos e pelas patas da gadaria; quando uma população escassa pulverizava-se numa base física de imensas proporções; quando os núcleos de ocupação se perdiam na vastidão da hinterlândia brasileira, foi a tropa de muars, silenciosa e heroica, varando sertões, atravessando ravinas, rasgando matas, vadeando rios, galgando paredões escarpados, equilibrando-se em abruptos declives, que assegurou - assegurou e manteve - a circulação de produtos e de mercadorias, canalizando vida para os grupos humanos que se haviam enfiado Brasil adentro!"<sup>1</sup>



Representação do Deslocamento de Tropeiros. Fonte: Google Imagens.

sobre a história de nosso município. Desse modo, convido o caro aluno a conhecer mais um pouco sobre a atividade tropeira no Brasil e em Itaboraí.



Rancho de Parada de Tropeiros em Venda das Pedras, Itaboraí-  
Década de 1920. Fonte: COSTA (2013, p.101).

Caro aluno, a extensa epígrafe<sup>2</sup> citada acima, todavia pertinente, por si só nos evidencia como foi de grande importância a atuação dos tropeiros no Brasil, em uma época muito diferente das facilidades tecnológicas de locomoção que usufruímos hoje.

Até aqui, em nossa trilha de conhecimento, temos aprendido muito

Dessa maneira, a título de definição, tropeiro é o nome dado aos condutores de tropas - não necessariamente o dono. No que se refere às tropas eram chamadas de comitivas de mulas e cavalos as quais conectavam as regiões produtoras aos centros de consumo. Em uma qualificação mais abrangente tropeiro era o comerciante que obtinha tropas de animais para revendê-las e/ou transportar produtos de

exportação/importação ou gêneros de subsistência aos espaços urbanos e rurais que passava.

<sup>1</sup> GOULART (1961 apud COSTA, 2013, p.99).

<sup>2</sup> Epígrafe é uma curta citação colocada em uma página no início da obra ou em destaque na abertura de um capítulo. Funciona como um resumo do que se vai ler em seguida.

Cada tropa geralmente era dividida em lotes de sete animais, sendo cada conjunto guiado e controlado por um profissional através de gritos e assobios.

Dentre uma infinidade de ofícios existentes no Brasil, os tropeiros apareceram como protagonistas no desenvolvimento e interligação das regiões do país. Esses mesmos profissionais percorriam trilhas tortuosas pelo interior, levando e trazendo não apenas mercadorias, mas igualmente um padrão próprio de materialização de cidades e de difusão cultural. Neste sentido,

O tropeiro no século XIX foi o responsável pela transmissão da cultura brasileira em todos os cantos pelos quais passou, o que não é pouca coisa dadas as continentais dimensões do nosso país.<sup>3</sup>

Como se não bastasse, o tropeirismo encontrou um terreno fértil para sua expansão no período do café, época responsável pelo grande surto de desenvolvimento brasileiro na segunda metade do século XIX. A reboque dessa emergência econômica a atividade tropeira prosperou ainda mais.

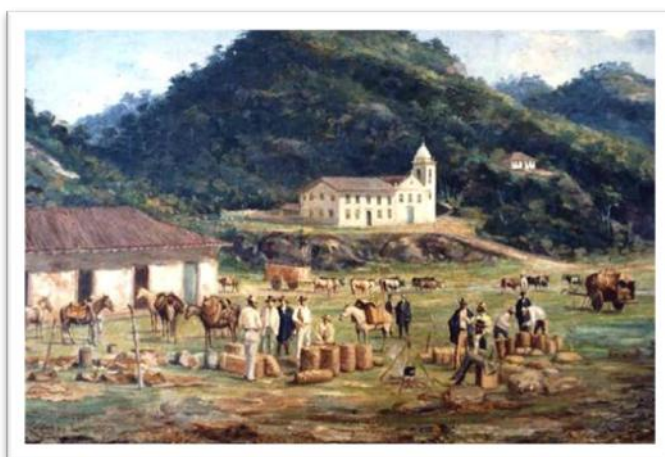


Imagem representativa de como seria o ambiente de atuação dos tropeiros na colina de Itaboraí. Fonte: Wikipédia - Imagem: CALIXTO de Jesus, Benedicto. Rancho Grande (dos Tropeiros).

Com relação à importância desses trabalhadores especializados na antiga São João de Itaboraí podemos dizer que não foi diferente, uma vez que o tropeirismo esteve intimamente ligado, desde o século XVII, ao desenvolvimento regional em todos os âmbitos - social, econômico e cultural. Assim, não é demais lembrar que foi a partir dos merecidos descansos na colina em

que hoje se localiza o centro político-administrativo de Itaboraí que surgiram as primeiras habitações chamadas de ranchos e, posteriormente, comércio, capela, igreja etc. Com relação a isso,

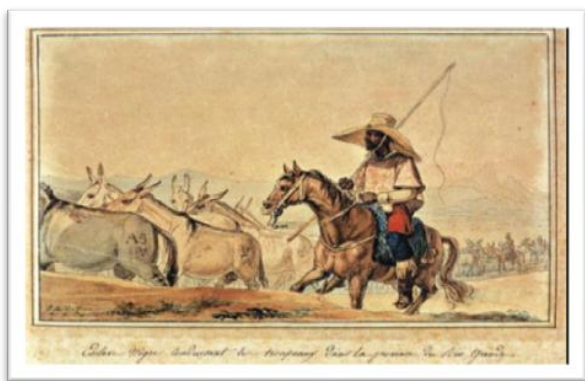
As dificuldades apresentadas durante os trajetos, somando-se à necessidade de paradas para descanso dos animais e dos próprios condutores, obrigaram que se estabelecessem ranchos [*grandes telheiros sustentados, cada um, por quatro colunas*] para abrigo da tropa ao final de cada dia de jornada, cuja distância percorrida variava entre 18 e 25 quilômetros. Esses ranchos, em muitos casos, eram construídos pelos fazendeiros para que os tropeiros que transportavam seus produtos pudessem descansar e seguir viagem na madrugada seguinte.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> ALGATÃO (2010, p.7).

<sup>4</sup> Ibid., p. 2.

A despeito da grande parte da atividade tropeira ser desempenhada por indivíduos livres e libertos, relatos de viajantes estrangeiros que estiveram na região macacuana no século XIX - entre outros lugares - evidenciam a presença de escravos em tal ofício, o que nos demonstra o amplo espaço de atuação de cativos em Itaboraí, com diferenciadas relações de trabalho<sup>5</sup>. Sobre o mencionado, um viajante estrangeiro chamado Burmeister relatou que

Cada grupo de sete bestas ocupa um escravo como condutor e forma um lote. Uma tropa compõe-se de um número variável de lotes e é dirigida por um "tropeiro". Os escravos marcham cada um atrás de seu lote, vigiando e servindo-se de grossos paus (...) que atiram com muita habilidade sobre os animais que se detêm na estrada para pastar. O tropeiro, montado a cavalo, superintende o conjunto. O seu cavalo é que indica o caminho à tropa (...) Os trabalhos de carregar e descarregar ocupam sempre dois escravos, que suspendem o fardo ao mesmo tempo de ambos os lados do animal, pois este não suporta o peso de um só lado<sup>6</sup>.



Tropeiro escravo conduzindo tropa - Imagem Debret. Fonte: COSTA (2013, p. 106)

Itaboraí, além de ter apresentado especializações de cativos em vários ofícios - como barqueiro, açougueiro, carpinteiro entre outros tantos - , também existiu a especialização do escravo como tropeiro.

Segundo estudos, essa questão mostra-se associada ao fato de São João de Itaboraí ter se configurado como entreposto comercial, *uma região caracterizada por ser mais uma das áreas de passagem do Recôncavo da Guanabara, como pode ser constatado pelo fluxo constante de viajantes e tropeiros.*<sup>7</sup>

Os escravos tropeiros em São João de Itaboraí e outras regiões desfrutavam positivamente dos constantes deslocamentos a ponto de conquistarem hábitos de autonomia diferenciados. Além disso, ampliaram suas condições de negociação e resistência à escravidão. Nesse sentido,

o distanciamento da vigilância senhorial possibilitou para o escravo [no caso, o tropeiro] uma oportunidade maior de fuga. Sua permanência nas tropas era condicionada, sobretudo, pelas possibilidades de alcance da liberdade, do que pelo uso da violência<sup>8</sup>.

<sup>5</sup> COSTA, op.cit., p.10.

<sup>6</sup> BURMEISTER (1952 apud COSTA 2013, p.102).

<sup>7</sup> COSTA, op.cit., p.102..

<sup>8</sup> Ibid., p.104.

No mais, com a intenção de encerrarmos essa breve apresentação, reforçamos que o ofício de tropeiro não se evidenciou como uma função particularmente escrava, pois, como mencionamos, envolveu sobretudo a presença de livres e libertos. Nesse sentido, possibilitou uma mobilidade e circulação de pessoas independente de sua condição social tanto no Brasil quanto na região que é hoje Itaboraí.

#### Referências bibliográficas

ALGATÃO, Filipe Cordeiro de Souza. "O Tropeiro como Propagador Cultural e Mola Mestra da Cultura Cafeeira no Século XIX". In: *Histórica –Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, nº 41, abr. 2010. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao41/materia06/>>. Acesso em: 30 de setembro de 2013.

ALMEIDA, Aluisio de. *Vida e morte do tropeiro*. São Paulo: Martins; EDUSP, 1981.

COSTA, Gilciano Menezes. *"A Escravidão em Itaboraí: Uma Vivência às Margens do Rio Macacu (1833-1875)*. Niterói, UFF, 2013.

FLORES, Moacyr. *Tropeirismo no Brasil*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1998.